

Censos 2011: O acentuar do envelhecimento e das assimetrias do povoamento

**Maria João
Guardado**

Moreira

Professora
Coordenadora da
Escola Superior
de Educação
do Instituto
Politécnico
de Castelo Branco
Investigadora do
Centro de Estudos
da População,
Economia e
Sociedade
(CEPESE) Vice
presidente da
Associação
Portuguesa de
Demografia
mjgmoreira@ipcb.pt

8

O recenseamento de 2011, cujo momento censitário se fixou no dia 21 de Março de 2011, é o último censo realizado, não só porque é o mais recente mas, também, porque provavelmente será o último que se realiza nestes moldes mais clássicos. É um censo que segue também uma linha de inovação tecnológica, uma vez que se apostou no e-Censos, ou seja, na possibilidade de resposta pela Internet, à semelhança do que já acontece em outros países, sendo que cerca de 50% da população respondeu através deste meio.

Neste momento, conhecem-se os dados preliminares e provisórios, os definitivos serão difundidos até finais de Novembro.

Os primeiros resultados permitiram-nos conhecer o total de população residente e presente, total de famílias, total de alojamentos e edifícios, com uma desagregação até ao nível da freguesia. Os resultados provisórios acrescentaram informação quanto à população residente, com a inclusão da população por grandes grupos etários, estado civil e nível de instrução; quanto às famílias, distingue-se entre famílias clássicas e institucionais e relativamente à habitação, entre edifícios e alojamentos e principais características.

O país que surge destes resultados reflecte a continuidade das assimetrias litoral/interior (Figura 1). O interior perde população, ainda que seja possível observar a permanência de alguns centros de média dimensão que mantêm algum dinamismo e, por isso, um importante papel na organização regional.

Quadro 1 - Variação da população residente (%)

| | 1991-2001 | 2001-2011 |
|-----------------|-----------|-----------|
| Norte | 6,18 | 0,07 |
| Centro | 3,97 | -0,91 |
| Norte interior | -6,07 | -7,73 |
| Centro interior | -3,10 | -7,23 |
| Alentejo | -0,73 | -2,50 |
| Algarve | 15,76 | 14,2 |

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Provisórios 2011.

Entre 2001 e 2011 foram dez as NUTS III que registaram um crescimento mais elevado que o observado no País: Algarve, R. A. Madeira, Península Setúbal, Oeste, Grande Lisboa, Cávado, Pinhal Litoral, Lezíria Tejo e Grande Porto. Destas, seis, já tinham

¹ Incluímos no centro interior as NUTS III Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul, Cova da Beira.

na década anterior, registado crescimentos mais intensos. O Baixo Vouga e Ave, assinalaram um crescimento positivo, menor que o nacional, afastando-se da tendência anterior em que se posicionavam entre as NUTS III de maior crescimento. Nas restantes 18 NUTS III houve uma perda de população que oscila entre os -0.05% do Tâmega e os -12.48% da Serra da Estrela.

No caso do centro interior¹ verifica-se um acentuar de perda de residentes em relação a 2001, principalmente na Serra da Estrela, Beira Interior Norte e Pinhal Interior Sul, em que por cada 100 residentes em 2001 havia menos 12, e 9, respetivamente na primeira e nas outras duas NUTS. A Beira Interior Sul foi a NUT que perdeu menos população face a 2001. Mais a Norte, tanto o Douro como Alto Trás-os-Montes seguiram esta tendência de perda de população, com valores semelhantes aos das NUTS do centro (-7,19% e -8,49%).

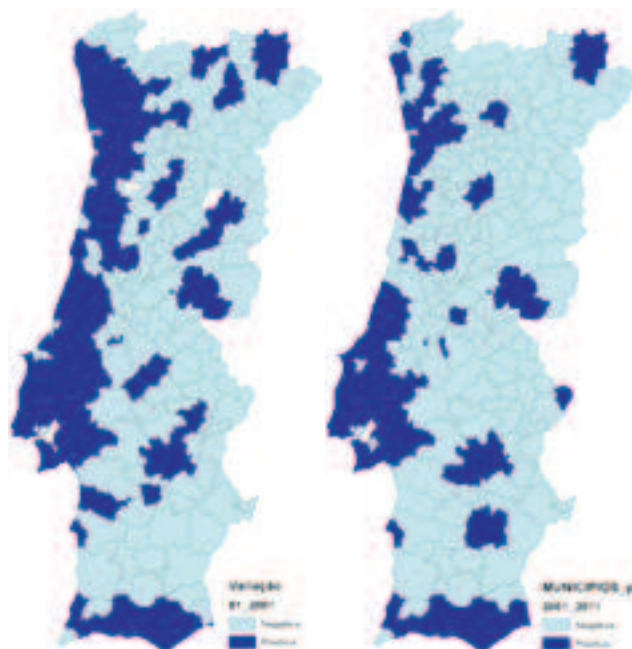


Figura 1 – Taxas de variação da população, 1991/2001 e 2001/2011

Fonte INE-Recenseamento da População em 1991, 2001 e Resultados Provisórios 2011.

Quando descemos a um nível de maior desagregação territorial, o municipal, e tal como observamos na Figura 1, a tendência regressiva que marca a faixa interior do país acentua-se nas últimas décadas. O número de concelhos que vê a sua população aumentar diminui, de tal modo que entre 2001 e 2011 só a Lousã, Vila Nova de Poiares, Miranda do Corvo, Castelo Branco e Vila de Rei registam uma variação positiva². Mais a Norte a situação não é muito diferente já que apenas Vila Real e Bragança conheceram uma taxa de variação positiva e para sul do Tejo, os únicos concelhos do interior que crescem são Campo Maior, Évora, Viana do Alentejo e Beja, excluindo o Algarve, dada a sua especificidade no contexto regional e nacional.

Estes concelhos que mantêm um crescimento positivo em 2011 são, por um lado, os que albergam centros urbanos com funções administrativas, sedes de concelho/distrito, que beneficiam da proximidade de centros urbanos de maior dimensão ou de dinamismo económico. No primeiro caso podemos incluir Vila Real, Bragança, Castelo Branco, Évora e Beja, no segundo, Lousã, Vila Nova de Poiares e Miranda do Corvo, Viana do Alentejo, sendo que Vila de Rei é um caso atípico, e no terceiro Campo Maior.

No entanto, em relação à década anterior, é evidente a perda de dinamismo de alguns concelhos que se mostraram incapazes de atrair e reter iniciativas e recursos das áreas envolventes, caso da Guarda,

Quadro 2 – Saldos natural e migratório, crescimento efectivo e respectivas taxas entre 2001 e 2011, em algumas regiões

| | Saldo Natural | Saldo Migratório | Crescimento Efectivo | Taxa de Crescimento Efectivo | Taxa de Crescimento Natural | Taxa de Crescimento Migratório |
|-----------------------|---------------|------------------|----------------------|------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| Portugal | 17527 | 187970 | 205497 | 1,98 | 0,17 | 1,85 |
| Norte | 48061 | -45745 | 2316 | 0,06 | 1,30 | -1,24 |
| Douro | -9199 | -6752 | -15951 | -7,96 | -4,15 | -3,04 |
| Alto Trás-os-Montes | -13922 | -5030 | -18952 | -8,49 | -6,23 | -2,25 |
| Centro | -62523 | 41706 | -20817 | -0,89 | -2,66 | 1,78 |
| Pinhal Interior Norte | -8918 | 1754 | -7164 | -5,17 | -6,44 | 1,27 |
| Pinhal Interior Sul | -5220 | 1122 | -4098 | -9,15 | -11,65 | 2,50 |
| Serra da Estrela | -4389 | -1769 | -6158 | -12,34 | -8,80 | -3,55 |
| Beira Interior Norte | -8770 | -2152 | -10922 | -9,47 | -7,60 | -1,87 |
| Beira Interior Sul | -6546 | 3449 | -3097 | -3,96 | -8,38 | 4,41 |
| Cova da Beira | -4096 | -1614 | -5710 | -6,10 | -4,38 | -1,72 |
| Alentejo | -38474 | 19079 | -19395 | -2,50 | -4,95 | 2,46 |
| Algarve | 588 | 55199 | 55787 | 14,12 | 0,15 | 13,97 |

Fonte INE-Recenseamento da População em 2001 e Resultados Provisórios 2011

² Registe-se caso de Vila de Rei, que na década anterior tinha registado uma taxa negativa e que agora vê a sua população aumentar. Todavia, não podemos esquecer que este é um concelho com um volume de população pequeno (3687 habitantes em 1991, 3354 em 2001 e 3452 em 2011), pelo que a análise de qualquer alteração no volume da sua população deve ter em consideração as oscilações aleatórias próprias de agregados com poucos efectivos populacionais. Todavia, note-se que este aumento não foi suficiente para alcançar os valores de 1991.

apesar da condição de centro urbano sede de concelho/distrito, ou de Mirandela, Chaves, Belmonte, Covilhã e Celorico da Beira.

As dinâmicas populacionais que temos vindo a descrever resultam da conjugação das dinâmicas migratórias e naturais, pelo que só a sua análise poderá ajudar a explicar os contrastes regionais do Portugal de 2011.

O crescimento que o país registou na última década é consequência, em 91%, de crescimento migratório positivo, enquanto apenas 9% se deveu ao saldo natural, reflexo da contínua quebra da fecundidade que se regista, principalmente desde os anos 80 do século passado. A conjugação destas dinâmicas, natural e migratória, e os seus efeitos no crescimento populacional, por NUT III, está sintetizada na Figura 2. É, bem clara, a dicotomia litoral/interior, embora sejam ainda perceptíveis alguns dos traços que permaneceram associados a algumas regiões, assentes ainda na tradicional dicotomia norte/sul.

Entre 1991 e 2001 são as NUTS do norte litoral (Cávado, Ave, Grande Porto, Tâmega, Entre Douro e Vouga, do centro litoral: Baixo Vouga, Pinhal Litoral até à Grande Lisboa e Península de Setúbal) que registam o crescimento (natural e migratório) mais intenso. Na deslocação no sentido litoral/interior assiste-se a uma diminuição da intensidade de crescimento, verificando-se perdas populacionais. Na década seguinte, torna-se evidente, no interior norte, o alastrar, para sul, da perda de dinamismo demográfico, assim como ao longo do centro/sul. Note-se o caso específico do Algarve em que, por causa do efeito da atração populacional, a dinâmica migratória acabou por influenciar a dinâmica natural. No norte litoral a dinâmica natural vai abrandando, mas é na linha litoral

que permanece a maior atração populacional. Paralelamente o interior alastra até ao litoral, expressando progressivamente a baixa dinâmica populacional que transparece nalgumas NUTS litorais, na continuidade/prolongamento das características da dinâmica negativa do interior.

Podemos, pois concluir que, apesar de nas regiões do interior encontrarmos ritmos intensos de declínio populacional, é possível distinguir duas realidades que sobressaem dos resultados do censo de 2011. Enquanto no Norte o crescimento efetivo, acentuadamente negativo, é acompanhado pelo natural e migratório, no Centro é possível observar a existência de algumas NUTS III com crescimento migratório que, todavia, não foi suficiente para compensar os valores negativos do crescimento natural. Apenas a Serra da Estrela, Beira Interior Norte e Cova da Beira registam saldos migratórios negativos. Os valores acentuadamente negativos do crescimento natural revelam pouco dinamismo demográfico o que influencia a sustentabilidade demográfica destas regiões (Quadro 2). Tendência que também é observável no Alentejo.

Ao nível das estruturas populacionais os dados já conhecidos deste censo de 2011 confirmam o duplo envelhecimento populacional. A população com menos de 15 anos diminuiu, de tal forma que em 2011 se registam os níveis mais baixos deste grupo etário em todas regiões. Paralelamente a proporção de idosos tem vindo a aumentar o que se reflete nos valores do índice de envelhecimento: se em 2001 existiam 84 concelhos onde este índice era inferior a 100, ou seja, havia mais jovens do que idosos, em 2011 o número de concelhos que mantêm estruturas etárias relativamente jovens desce para 50 (Figura

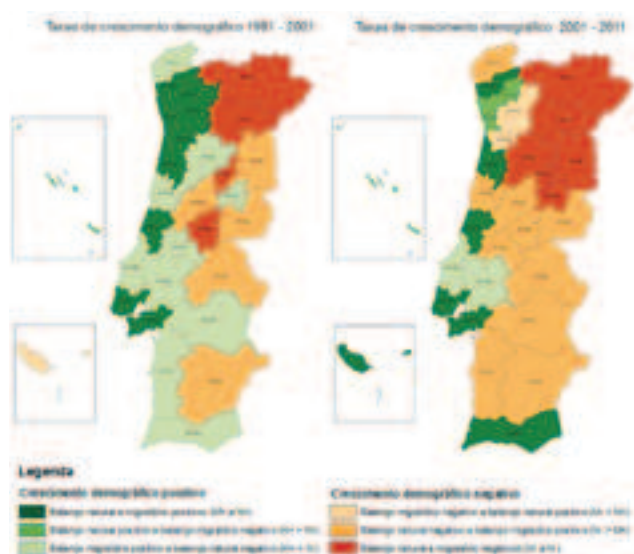


Figura 2 - Taxas de crescimento demográfico nas 30 NUTS III portuguesas

Fonte: (DEMOSPIN 2012) Projecto de Investigação PTDC/CS-DEM/100530/2008³

3). Se em 1991 por cada 100 jovens havia em Portugal 68 idosos, em 2011 esse valor quase que duplica chegando aos 129 idosos por cada 100 jovens.

Embora o envelhecimento seja um processo transversal a todo o território nacional é particularmente intenso nas regiões do interior. Não é só aí que se localizam os concelhos mais envelhecidos, como também é nestas regiões onde se observam os valores mais elevados do índice de envelhecimento (Quadro 3 e Figura 3).

Em jeito de conclusão desta breve síntese sobre alguns dos principais dados revelados pelo censo 2011, e em que destacámos o centro interior, embora sem perder o contexto nacional, podemos verificar que, não só se confirma o intensificar do processo do envelhecimento, mas também a existência de ruturas dicotómicas profundas,

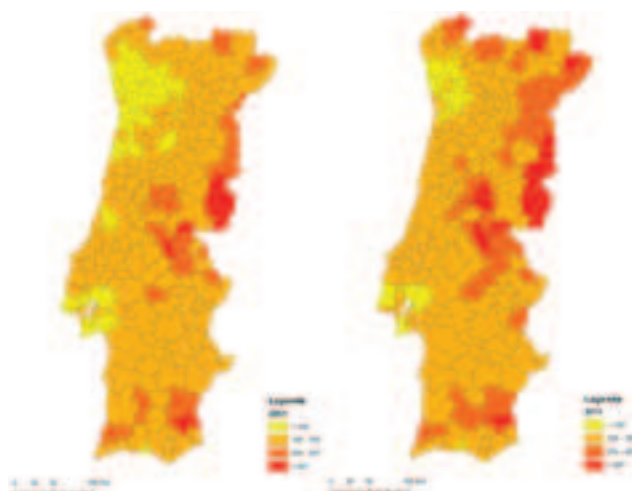


Figura 3 – Índice de Envelhecimento em 2001 e 2011

Fonte INE-Recenseamento da População, Resultados Provisórios 2011

com marcados processos de atração e repulsão populacionais e despovoamento, que vão reconfigurando as dinâmicas regionais. No caso da região do centro interior, a tendência recessiva, que já vem de décadas anteriores, mantém-se, e em alguns casos acentua-se, diminuindo o número de pólos regionais que iam funcionando como dinamizadores, à escala local/regional, mesmo no caso de centros urbanos de média dimensão. Os movimentos migratórios explicam, por outro lado, os casos de crescimento efectivo, já que o número de municípios com saldos naturais é diminuto. Todavia, estes processos e dinâmicas só serão de todo conclusivos quando conhecermos toda a informação deste recenseamento, a qual deve ser analisada também em articulação com as questões económicas e sociais resultantes de opções políticas, nomeadamente em áreas como o do planeamento e desenvolvimento regional.

³ O projecto DEMOSPIN, financiado pela FCT, junta investigadores das Universidades de Aveiro, Coimbra e UBI e dos Institutos Politécnicos de Castelo Branco e Leiria, tem como principal objectivo desenvolver ferramentas de apoio à definição de políticas de desenvolvimento de regiões demograficamente deprimidas.

Quadro 3 – Índice de Envelhecimento em 2011: concelhos mais e menos envelhecidos

| Concelhos mais envelhecidos | IE | Concelhos mais Jovens | IE |
|------------------------------------|-----------|------------------------------|-----------|
| Penamacor | 600 | Ribeira Grande | 37 |
| Pampilhosa da Serra | 591 | Lagoa (R.A.A) | 48 |
| Vila Velha de Ródão | 585 | Câmara de Lobos | 49 |
| Oleiros | 574 | Santa Cruz | 54 |
| Alcoutim | 558 | Lousada | 60 |
| Sabugal | 515 | Vila Franca do Campo | 61 |
| Vinhais | 494 | Paredes | 61 |
| Idanha-a-Nova | 494 | Paços de Ferreira | 61 |
| Gavião | 472 | Ponta Delgada | 64 |
| Almeida | 453 | Vizela | 69 |

Fonte INE-Recenseamento da População, Resultados Provisórios 2011